

## O médico como objeto de riso na Antologia Palatina

WILSON A. RIBEIRO JR.  
Universidade de São Paulo  
Brasil

RESUMO. Os médicos e alguns aspectos da arte da medicina constituem um tema cômico presente em todos os períodos da literatura grega, a começar pela *Iliada*. O riso associado a atividades médicas, ainda um tanto restrito durante os Períodos Clássico e Helenístico, atingiu o apogeu nos epigramas da *Antologia Palatina*, durante o Período Greco-Romano, talvez por influência da *satura* latina. Neste artigo, um curto trecho da literatura egípcia antiga, pequenos trechos da literatura grega clássica e helenística e uma pequena seleção de epigramas da *Antologia Palatina* ilustram os principais recursos estilísticos e cômicos utilizados por autores antigos para despertar o riso às custas dos médicos e da medicina.

PALAVRAS-CHAVE. Riso; médico; arte da medicina; profissões; sátira; epigrama; Antologia Palatina.

Neste trabalho, parte de uma pesquisa mais ampla sobre a sátira às profissões na Antigüidade, serão discutidos alguns dos aspectos que ligam o riso à profissão médica, desde os primórdios da literatura grega até os epigramas da *Antologia Palatina* datados, em sua maioria, dos primeiros séculos de nossa Era. Serão analisados apenas os epigramas em que certos aspectos da profissão médica constituem o principal objeto de riso e refletem, de várias maneiras, expressiva crítica à atuação dos médicos.

A ridicularização das profissões, segundo V. Propp<sup>1</sup>, é apenas uma dentre as diversas maneiras de despertar o riso. Em sua opinião, certas profissões

E-mail: warj@classica.org.br

Artigo recebido em 20/07/2003; aceito para publicação em 11/10/2005.

Membro dos grupos de pesquisa “Estudos sobre o Teatro Antigo”, da Universidade de São Paulo, e “O trânsito de saberes na Grécia Clássica”, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este trabalho é um desenvolvimento da comunicação apresentada durante o *V Congresso da SBEC* em Pelotas, setembro de 2003. Expresso aqui meus vivos agradecimentos a Vera Cecília Machline, da PUC São Paulo, pelas sérias e proveitosas discussões sobre o tema e pelo auxílio na elaboração da bibliografia, e a Maria Celeste Consolin Dezotti, da FCL-UNESP, Araraquara, que me revelou os tesouros escondidos da *Antologia Palatina*.

<sup>1</sup> *Comicidade e riso*, trad. A.F. Bernardini e H.F. Andrade, São Paulo, Ática, 1992, p. 79-83.

são mais satirizáveis<sup>2</sup> do que as outras e o médico, em especial, é ‘uma das figuras preferidas dos escritores satíricos do mundo inteiro’. P. Schulten, citando Will Durant, concorda plenamente e destaca, ainda, que os médicos e as mulheres são os grupos sociais mais satirizados da história, especialmente entre os gregos e os romanos<sup>3</sup>. Em épocas mais próximas da nossa, a figura do médico ainda é objeto de riso muito popular, como se vê na *commedia dell'arte* italiana, no teatro russo de bonecos e nas comédias de Molière. Riso e medicina juntaram-se também no humanista e médico François Rabelais, célebre pelas tiradas escatológicas de Gargantua e Pantagruel<sup>4</sup> e em vários epigramas do poeta português Manuel Maria Barbosa du Bocage.

O ancestral mais ilustre da sátira profissional, de origem egípcia e não grega, é a *Sátira dos Ofícios*, texto do Médio Império, época da 12<sup>a</sup> Dinastia (1991-1785 a.C.). Khéti, o autor, relata uma viagem de barco em que um escriba, conversando com o filho, compara a profissão de ferreiros, marceneiros, joalheiros, barbeiros e lavradores, entre outros, com a sua. A profissão médica não foi explicitamente mencionada, talvez porque os médicos egípcios recebessem formação de escriba... O aspecto satírico desse antiquíssimo texto é controvertido e alguns eruditos, como E. Araújo, lhe conferem apenas qualidades gnômicas<sup>5</sup>; M. Lichtheim<sup>6</sup>, no entanto, acredita que o exagero, a leveza e o tom complacente das imagens descritas são elementos legitimamente satíricos. Eis duas breves passagens em que a intenção de provocar o riso está bem clara<sup>7</sup>: ‘o lavrador se lamuria mais do que galinha-d'angola e grita mais alto que o corvo’ (vi<sup>3</sup>) e ‘o oleiro cobre-se de lama, embora ainda esteja entre os vivos’ (v<sup>3</sup>).

Mais de mil anos depois da *Sátira dos Ofícios*, o poeta da *Iliada* transmitiu-nos a mais antiga sátira à profissão médica de toda a literatura grega (II. 11.596-654). Macáon, filho de Asclépio, ἀμύμων ἰητρος, ‘médico irre-

<sup>2</sup> V. PROPP recorreu, naturalmente, à palavra “sátira” em seu sentido mais amplo, o de “escrito picante, maldizente”, que visa despertar o riso, e não como gênero literário específico. Para um panorama da palavra “sátira”, ver G.L. HENDRICKSON, *Satura tota nostra est*, CPh 22.1, 42-60, 1927; M. HODGART, *La sátira*, trad. A. Guillén, Madrid, Guadarrama, 1969.

<sup>3</sup> *Physicians, Humor and Therapeutic Laughter in the Ancient World*, Social Identities, v. 7, n. 1, 2001.

<sup>4</sup> V.C. MACHLINE, ‘Conceptos del siglo XVI sobre la risa’, in P.A. PASTRANA (ed.), *Tradiciones e Intercambios Científicos: Materia Médica, Farmacia y Medicina*. México, Univ. Autónoma Metropolitana, 2000, p. 65-80.

<sup>5</sup> E. ARAÚJO, ‘Sátira das Profissões’, in \_\_\_\_\_, *Escrito para a eternidade: a literatura no Egito faraônico*, Brasília, Ed. UnB, 2000, p. 217-24.

<sup>6</sup> *Ancient Egyptian Literature*, v. 1, Berkeley, University of California Press, 1975-80 (reimpr.), p. 184 (*apud* E. Araújo, 2000, p. 218).

<sup>7</sup> A tradução é de E. ARAÚJO, *Sátira...*, p. 220-1.

preensível’, havia sido ferido durante o combate; Nestor, um leigo, retira-o da refrega, leva-o para sua tenda e cuida dele com ‘vinho de Pramnos’, οἴνωι Πραμνεῖω<sup>8</sup>. Nesse episódio, Nestor mostrou grande competência, tanta que Pátroclos, guerreiro e médico, em visita ao nobre colega, se pôs simplesmente a conversar, sem interferir. Sua intervenção obviamente já não era mais necessária, pois o Dr. Macáon estava já muito bem cuidado. A passagem, revestida de fina ironia, é legítima antecessora da sentença ἰατρὲ, θεράπεις σῆστυόν, ‘médico, cura-te a ti mesmo’, atribuída a Hipócrates e encontrada no Novo Testamento (*Lucas* 4.23) já com *status* de provérbio<sup>9</sup>.

Em Héraclito de Éfeso (*Fr.* 58) encontramos a primeira crítica direta à profissão médica, matizada de cáustica ironia: οἱ γοῦν ἰατροί, φησὶν ὁ Ἡράκλειτος, τέμνοντες, καίοντες, πάντη βασανίζοντες κακῶς τοὺς ἀρρωστοῦντας, ἐπαιτιῶνται μηδὲν ἄξιον μισθὸν λαμβάνειν παρὰ τῶν ἀρρωστούντων ταῦτα ἐργαζόμενοι, † τὰ ἀγαθὰ καὶ τὰς νόσους †, ‘Os médicos, disse Heráclito, quando cortam, queimam e de todos os modos torturam maldosamente os doentes, reclamam que não recebem dos doentes honorário adequado para fazerem essas coisas, tendo a cura o mesmo efeito que as doenças<sup>10</sup>. A crítica de Heráclito é sempre ferina, mordaz e muitas vezes cômica. Nesse exemplo, a comicidade reside na contraposição do sofrimento causado pela doença ao sofrimento causado pelo tratamento. A doença não cobra, naturalmente, um salário para causar sofrimento; o médico, sim.

Erixímaco, médico histórico<sup>11</sup> retratado por Platão em *O Banquete* (185d-e), é o próximo exemplo. Em meio a discussões filosóficas, Erixímaco é jocosamente consultado por Aristófanes, vítima de uma súbita crise de soluços. O doutor não se abala: sem interromper os discursos e sem perder a linha de argumentação, receita-lhe um tratamento que se mostra eficaz. É difícil, aqui, dizer se a comicidade dessa passagem se deve ao médico ou também ao doente, já que ele era nada menos do que o poeta Aristófanes; mas o episódio deve, sem dúvida, ser um antecessor das inúmeras pilhérias que se contam a respeito de consultas médicas “filadas” durante festas.

<sup>8</sup> O vinho era um excipiente às vezes utilizado pelos médicos hipocráticos. O uso medicinal de líquidos com álcool remonta pelo menos às tabuinhas sumerianas do final do III milênio a.C.: ver S.N. KRAMER, *The Sumerians, Their History, Culture and Character*, Chicago, University of Chicago Press, 1972, p. 117-23.

<sup>9</sup> Esse provérbio bíblico, por sua vez, deve ser uma variante da conhecida máxima dos *Sete Sábios*, γνωθὶ σεαυτόν, ‘conhece-te a ti mesmo’ (*FPG* 1.12.1).

<sup>10</sup> Na tradução, acompanhei a leitura de Diels-Krantz (*Vorsokr.*), G.S. KIRK, *Heraclitus – The Cosmic Fragments*, Cambridge, Cambridge University Press, 1954, p. 88-96) e de J. CAVALCANTE DE SOUZA, ‘Heráclito de Éfeso – Fragmentos’, in \_\_\_\_\_ (org.), *Os Pré-Socráticos – Fragmentos, doxografia e comentários*, São Paulo, Nova Cultural, 1991, p. 51-63. Para a discussão de outras possibilidades de tradução, ver o artigo de G.S. KIRK.

<sup>11</sup> L. ROBIN, *Platon, Oeuvres Complètes / Phèdre*, Paris, Les Belles Lettres, 1954, p. 1, nota 2.

O poeta Aristófanes é uma das mais profícuas fontes de sátiras profissionais da literatura grega. No *Pluto*, comédia de 388 a.C., ele criou uma situação cômica envolvendo os médicos e seus honorários. Pluto, o deus da riqueza, está doente; dois escravos, Blepsidemo e Crêmilo, procuram inutilmente um médico entre os espectadores (406-9):

ΒΛΕΨΙΔΗΜΟΣ

οὔκουν ἰατρὸν εἰσάγειν ἐχρῆν τινά;

ΧΡΕΜΥΛΟΣ

τίς δῆτ' ἰατρός ἐστι νῦν ἐν τῇ πόλει;

οὔτε γὰρ ὁ μισθὸς οὐδὲν ἔστ' οὔθ' ἡ τέχνη.

Βλ. σκοπῶμεν.

Χρ. ἀλλ' οὐκ ἔστιν.

Βλ. οὐδ' ἐμοὶ δοκεῖ.

BLEPSIDEMO

Não seria necessário trazer um médico?

CRÊMILLO

Mas que médico está agora na cidade?

Onde não existe pagamento, não existe arte.

Bl. Olhemos.

Cr. Mas não há!

Bl. Nenhum, me parece.

Note-se que a τέχνη mencionada por Crêmilo é, naturalmente, a arte médica. Além da presença dos recursos cômicos próprios da comédia antiga, é possível que a passagem parodie os textos médicos que circulavam no final do século V a.C. entre os intelectuais atenienses, mesmo os não médicos (Xen. *Mem.* 4.2.9-10). As obras de Platão e de Eurípidés, por exemplo, sugerem que o primeiro, filósofo, e o segundo, poeta trágico, conheciam muito bem os textos do *corpus hippocraticum* ('coleção hipocrática')<sup>12</sup>.

Remontam possivelmente ao Período Helenístico algumas das pilhérias compiladas durante o século IV d.C. na coletânea anônima conhecida por Φιλόγελως, o *Amigo do riso*. Eis um exemplo (*Hierocl.* 3.3): Σχολαστικῶ τις ἰατρῶ προσελθὼν εἶπεν· Ἰατρέ, ὅταν ἀναστῶ ἐκ τοῦ ὕπνου, ἡμῶριον ἐσκότῳμαι καὶ εἶθ' οὔτως ἀποκαθίσταμαι. καὶ ὁ ἰατρός· Μετὰ τὸ ἡμῶριον ἐγείρου, 'alguém pergunta a um professor de medicina: doutor, quando me levanto, tenho vertigens durante meia hora; e o médico: levanta meia hora

<sup>12</sup> Ver, por exemplo, a descrição da loucura de Hércules em Eurípidés (*HF* 929-1009) e os numerosos trechos dos diálogos de Platão que tratam da arte médica (Pl. *Prt.* 311b-c; Pl. *Phdr.* 270c-d; Pl. *R.*, *passim*; mais referências em I.M. FRIAS, *Platão, leitor de Hipócrates*, Londrina, Ed. da Univ. Est. de Londrina, 2001).

mais tarde'. A comicidade reside, naturalmente, na resposta do médico, pois a solução apresentada não se baseou em qualquer conhecimento de medicina.

No Φιλοφρευδής, *O amigo da mentira*, Luciano de Samósata descreve um médico supersticioso que conta ter visto uma estátua de Hipócrates caminhar por toda a casa (21.1-8). A comicidade se deve ao contraste entre a racionalidade da arte médica, tão ciosamente defendida pelos textos da coleção hipocrática, e a superstição desse médico, em total desacordo com as bases racionais de sua profissão.

Luciano pertence já ao Período Greco-romano, assim como o livro XI da *Antologia Palatina* e as fábulas em que o médico figura como personagem. Em pelo menos uma dessas fábulas, γράϋς καὶ ἰατρός, *A velha e o médico* (Aesop. 87 Chambry), atribuída a Esopo, a comicidade envolve uma situação de quebra de confiança e honorários cobrados, contraposta ao preceito hipocrático de que o médico deve resistir aos vários tipos de tentação a que se expõe (Hp. *Jusj.* 6; Hp. *Medic.* 1). A cada visita que fazia a uma velha que enxergava mal, o médico surrupiava um objeto da casa; no final, a velha se recusou a pagar os honorários pedidos, pois sua visão piorara tanto com o tratamento que ela não conseguia mais enxergar nenhum dos objetos da casa...

O livro XI da *Antologia Palatina* (AP 11) é dedicado aos epigramas “báquicos” ou “conviviais” (συμποτικά) e aos “satíricos” (σκωπτικά); a figura do médico está presente em vinte e cinco epigramas, construídos em dísticos elegíacos. Um deles faz parte dos epigramas báquicos e os demais, dos epigramas satíricos. Alguns estão reunidos sob o lema εἰς ἰατρούς; outros estão dispersos pela obra. Os autores são: Macedônio, Lucílio, Estraton, Nicarco, Édilo, Amiano, Paladas, Luciano e Agatias, o Escolástico. Apenas o epigrama 125 é anônimo.

Há pouquíssimas informações disponíveis a respeito desses poetas; os mais importantes são Lucílio e Nicarco, responsáveis por mais da metade do total de epigramas. Ambos viveram em Roma, na época de Marcial, quando o epigrama satírico estava em seu apogeu. Muitos epigramas de Lucílio, aliás, recordam os de Marcial, e a hipótese de que a *satura* latina influenciou o epigrama satírico grego — e vice-versa — não é de se desprezar.

Segue uma amostra representativa desses epigramas<sup>13</sup> e, até onde sei, é a primeira vez que são traduzidos para o português:

**Maced. AP 11.61**

Χθιζὸν ἔμοι νοσέοντι παρίστατο δήιος ἀνὴρ,  
ἰητρός δεπᾶων νέκταρ ἀπειπάμενος·

<sup>13</sup> O texto grego segue a edição de R. AUBRETON, *Anthologie Palatine – Livre XI*, v. 10, Paris, Les Belles Lettres, 1972.

εἶπε δ' ὕδωρ πίνειν, ἀνεμώλιος, οὐδ' ἐδιδάχθη  
ὅττι μένος μερόπων οἶνον Ὀμηρος ἔφη.

Ontem eu estava doente; um homem hostil se aproximou,  
um médico, e me proibiu o néctar dos cálices.  
Cheio de vento, me disse para beber água! Ninguém o ensinou  
que o vinho é a força daqueles dotados de fala? Homero disse.

Macedônio, aqui, contrapôs a receita do “pequeno” médico à orientação do “grande” Homero, assim como a prescrição desagradável do primeiro, à receita agradável do segundo; conseqüentemente, a autoridade de Homero é maior do que a do médico... Esse é o único epigrama “báquico” em que o médico é mencionado.

**Lucill. AP 11.112**

Πρὶν σ' ἐναλείψασθαι, Δημόστρατε, "Χαῖρ', ἱερὸν φῶς"  
εἰπέ, τάλας· οὐτως εὐσκοπὸς ἐστὶ Δίω.  
Οὐ μόνον ἐξετύφλωσεν Ὀλυμπικόν, ἀλλὰ δι' αὐτοῦ  
εἰκόνος ἧς εἶχεν τὰ βλέφαρ' ἐξέβαλεν.

Antes de fazer a unção, infeliz Demóstrato, diz “Adeus,  
luz sagrada”! Dion atinge o alvo deste modo:  
Não apenas deixou Olímpico totalmente cego, mas por obra sua  
os olhos de uma imagem dele pularam fora.

A comicidade reside, aqui, no efeito poderoso — e desastroso — da terapêutica do Dr. Dion. A hipérbole é evidente.

**Lucill. AP 11.113**

Τοῦ λίθινου Διὸς ἐχθρὸς ὁ κλινικὸς ἦψατο Μάρκος·  
καὶ λίθος ὦν καὶ Ζεὺς, σήμερον ἐκφέρεται.

Marcos, o clínico, tocou ontem uma estátua de Zeus;  
mesmo sendo pedra, e Zeus, hoje será enterrada.

Outro exemplo do uso da hipérbole. O “clínico” era um médico que visitava os pacientes acamados em casa<sup>14</sup>.

**Lucill. AP 11.114**

Ἐρμογένην τὸν ἱατρὸν ὁ ἀστρολόγος Διόφαντος  
εἶπε μόνους ζωῆς ἐννέα μῆνας ἔχειν.  
Κάκεϊνος γελάσας, "Τί μὲν ὁ Κρόνος ἐννέα μηνῶν"  
φησὶ "λέγει, σὺ νόει· τὰμὰ δὲ σύντομά σοι."

<sup>14</sup> A palavra *clínico* vem de κλίνη, ‘leito’.

Εἶπε, καὶ ἐκτείνας μόνον ἦψατο· καὶ Διόφαντος 5  
ἄλλον ἀπελπίζων αὐτὸς ἀπησκάρισεν.

O médico Hermógenes, disse o astrólogo  
Diofanto, tem somente nove meses de vida  
E aquele, rindo, falou: “O que diz Cronos,  
nove meses? Observa, quanto a ti minhas previsões são mais breves”.  
Disse, estendeu a mão e simplesmente o tocou; Diofanto, 5  
que de um outro tirava a esperança, teve ele mesmo um ataque.

O nome do titã Κρόνος, filho de Urano e pai de Zeus, era freqüentemente confundido com a palavra χρόνος, ‘tempo’ (Κ vs. Χ), e por isso ele era muitas vezes considerado — incorretamente — a personificação do tempo. Para o verbo ἀπησκάρισεν, provável derivado de σκαίρω, ‘agitarse’, seguiu a lição de R. Aubreton<sup>15</sup>. Trata-se provavelmente da agitação que muitas vezes acompanhava aquilo que os antigos denominavam “apoplexia”. Aqui a comicidade envolve uma das mais importantes práticas hipocráticas, a do prognóstico e, uma vez mais, o exagero da terapêutica e a competência “inversa” do médico, tão poderosa que age pelo simples toque.

**Nicarch. AP 11.118**

Οὐτ' ἐκλυσεν Φείδων μ' οὔθ' ἦψατο· ἀλλὰ πυρέξας  
ἐμνήσθηεν αὐτοῦ τοῦνομα, κάπεθανον.

Fédon não me fez lavagem e nem me palpou o pulso; mas eu tinha febre, lembrei-me do nome dele e morri.

Esse epigrama menciona um dos mais importantes procedimentos do exame do doente, a palpação do pulso<sup>16</sup>, e um dos tratamentos mais utilizados pelos médicos, o enema (lavagem intestinal). Esse tratamento estava ligado à teoria dos humores, abordada no tratado hipocrático *Da Natureza do Homem*, entre outros. A doutrina recomendava a eliminação dos humores inevitavelmente acumulados, especialmente por via intestinal, o que era um prato cheio para os cômicos. As descrições exageradas e o efeito oposto dos tratamentos médicos já foram comentados anteriormente.

**Nicarch. AP 11.122**

Πέντ' ἠτηρὸς Ἄλεξις ἄμ' ἐκλυσε, πέντ' ἐκάθηρε,  
πέντ' ἴδεν ἀρρώστους, πέντ' ἐνέχρισε πάλιν·  
καὶ πᾶσιν μία νύξ, ἐν φάρμακον, εἰς σοροπηγός,  
εἰς τάφος, εἰς Αἴδης, εἰς κοπετὸς γέγονεν.

<sup>15</sup> R. AUBRETON, 1972, p. 114.

<sup>16</sup> O médico Cláudio Galeno (séc. II d.C.) escreveu diversos tratados a esse respeito.

Cinco, ao mesmo tempo, o médico Aléxis lavou; cinco, ele purgou; cinco <doentes> enfraquecidos ele viu, cinco ele punccionou de novo. Para todos, agora, uma noite, um remédio, um fabricante de caixões, um enterro, uma entrada no Hades, um lamento.

Aqui, além do clister, menciona-se também a sangria, outro método para a eliminação dos humores nocivos. Além de ‘untar’, o verbo ἐγχαίρω pode ser também traduzido para ‘picar, furar’, e tanto as fricções com óleo como as sangrias eram procedimentos comumente preconizados pelos médicos da Antiguidade<sup>17</sup>. Note-se que os dois tratamentos mencionados, sangria e enema, são debilitantes. Com bom-senso mais apurado até que o de alguns profissionais da medicina, o autor associou, de forma cômica, a morte a esses dois tratamentos.

Eis uma variante que poderíamos chamar de “tratamento a qualquer custo”:

**Nicarch. AP 11.120**

Ορθῶσαι τὸν κυρτὸν ὑποσχόμενος Διόδωρον  
Σωκλῆς τετραπέδους τρεῖς ἐπέθηκε λίθους  
τοῦ κυρτοῦ στιβαροῦς ἐπὶ τὴν ῥάχιν· ἀλλὰ πιεσθεὶς  
τέθνηκεν, γέγονεν δ' ὀρθότερος κανόνος.

Tendo prometido endireitar a corcunda de Diodoro, Socles colocou três grandes pedras quadradas na corcunda, sobre a espinha; esmagado, ele morreu, porém ficou mais reto do que uma régua.

Ao lado da evidente comicidade com que é descrito o “tratamento”, há uma crítica à atitude do médico, que busca uma cura impossível e persegue a fama a qualquer custo, bem ao contrário do que preceitua o *Juramento hipocrático* (Hp. *Jusj.*).

**AP 11.125**

Ἰητρὸς Κρατέας καὶ Δάμων ἐνταφιαστῆς  
κοινὴν ἀλλήλοις θέντο συνωμοσίην.  
Καὶ ῥ' ὁ μὲν οὖς κλέπτεσκεν ἀπ' ἐνταφίων τελαμῶνας  
εἰς ἐπιδουλοῦν πέμπει φίλῳ κρατέα·  
τὸν δ' ἀπαμειβόμενος Κρατέας εἰς ἐνταφιάζειν  
πέμπειν ὅλους αὐτῶι τοὺς θεραπευομένους.

5

O médico Crateas e Dámon, o agente funerário, ligaram-se um ao outro por juramento.

<sup>17</sup> Cf. epigrama 11.112, supra.



Dámon roubava as faixas daqueles que enterrava  
 e as mandava para o amigo Crateas fazer bandagens;  
 E Crateas, por sua vez, enviava seus clientes  
 inteiramente enfaixados para ele preparar o enterro.

Além da ironia que envolve o entendimento comercial entre médico e agente funerário, associação por si só bastante cômica, são criticadas também, com certeza, as bandagens “bonitinhas” e pouco úteis que certos médicos colocavam em seus pacientes, hábito energeticamente combatido pelos tratados hipocráticos (Hp. *Medic.* 4).

Eis um exemplo que retrata o médico como fornecedor direto do Hades, aspecto cômico que iria ser muito explorado por Bocage, 1.500 anos depois:

**Pall. AP 11.280**

Βέλτερον Ἡγέμονος ληιστοκτόνου ἐς κρίσιν ἔλθειν,  
 ἢ τοῦ χειρουργοῦ Γενναδίου παλάμας.  
 Ὅς μὲν γὰρ φονέας ὀσίως στυγέων κατατέμνει,  
 ὃς δὲ λαβῶν μισθοὺς εἰς Αἴδην κατάγει.

É melhor passar pelo julgamento de Hegemon, o matador de ladrões,  
 do que cair na mão de Genadios, o cirurgião.

Um, odioso, corta em pedaços os assassinos, sancionado pela lei;  
 o outro recebe sua paga conduzindo <todos> ao Hades.

A palavra κρίσις, “julgamento”, designa o “momento crítico” ou o “momento oportuno” na evolução da doença. Para a doutrina hipocrática, era nesse preciso momento que o médico devia fazer sua intervenção<sup>18</sup>. Paladas fez aqui um jogo de palavras relacionando dois possíveis significados de κρίσις, “escolher o momento adequado”, atribuído aos médicos e “julgar”, atribuído aos juízes. O verbo κατατέμνω, “cortar em pedaços”, é uma metáfora do verbo “matar”, implícito também na expressão “conduzir ao Hades”. Além da paródia, o autor lançou mão de outro recurso cômico: enquanto Hegemon é específico — só mata ladrões —, Genadios, o cirurgião, não discrimina...

Para despertar o riso às custas do médico e da medicina, o principal método utilizado na Antigüidade foi, portanto, a descrição cômica daquilo que Propp chamou de “aspectos exteriores da profissão médica”, isto é, de tudo o que é visível na atividade do médico<sup>19</sup>: os tratamentos incômodos ou embaraçosos, a cobrança de honorários, o exame do doente, a eficiência e o resultado dos tratamentos, as explicações fornecidas pelo médico com o obs-

<sup>18</sup> L. AYACHE, *Hippocrate*, Paris, Presses Universitaires de France, 1992, p. 88.

<sup>19</sup> V. PROPP, p. 79-83.

curo jargão profissional. Nos epigramas da *Antologia Palatina*, em especial, os poetas recorreram ao jogo de palavras, à hipérbole, à paródia, à simples comparação jocosa, à ironia e em especial ao ridículo que certos aspectos externos da profissão médica indubitavelmente favorecem.

E em todas as épocas estudadas se nota, por trás do riso, a constante crítica ao médico e a numerosos aspectos da prática médica. De certa forma, quanto mais obscura e menos compreensível a atitude do médico aos olhos do leigo, maior o efeito cômico da sátira, e mais profunda a crítica...

TITLE. *The physician as subject of laughter in Greek Anthology.*

ABSTRACT. Physicians and some aspects of the art of medicine constitute a comic subject present in every period of Greek literature, beginning at the *Iliad*. Laughter associated with medical activities, limited a bit during Classic and Hellenistic periods, reached the apogee in epigrams from Greek Anthology during the Greco-roman period, perhaps by influence of Latin *satura*. This paper presents a short excerpt from old Egyptian literature, a few passages of Classic and Hellenistic Greek literature and a small selection of Greek Anthology epigrams to illustrate the main stylistic and comic resources used by ancient authors to laugh about physicians and medicine.

KEYWORDS. Laughter; physician; art of medicine; professions; satire; epigram; Greek Anthology.